

DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/gvcasosv9n2c6>

EMPREENDEDORISMO FEMININO E CONFLITOS FAMILIARES: DILEMAS DE UMA EMPREENDEDORA

Women's entrepreneurship and Family conflicts: the dilemmas of an entrepreneur

DANIELLY MENDES DOS SANTOS – dannymendes canal@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG, Brasil

GABRIELA REBELLO HORTA JARDIM BORJA – borja.gabriella@gmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG, Brasil

Submissão: 04/01/2019 | Aprovação: 11/09/2019

Resumo

O caso narra a história de Júlia, que, com 25 anos e diante das poucas oportunidades de trabalho na sua área de formação, decide empreender. Dada sua pouca experiência com negócios, sua cafeteria, localizada próxima à casa de seu pai, começa a enfrentar dificuldades. Para Júlia, ser mulher empreendedora tornou-se um desafio e o conflito trabalho-família também precisa ser rapidamente solucionado. Diante deste cenário, qual decisão tomar?

Palavras-chave: conflito trabalho-família, empreendedorismo feminino, empreendedorismo, negócios familiares.

Abstract

The case is a narrative with fictional plot, based on real facts extracted from social networks, about the process to become a Nubank client. Two examples are presented that contextualize a profile analysis to be a #NU customer. The case presents the motivations of Velez, the founder of Nubank, to create the company. The use Data Science and Big Data analysis are pointed out, in order to discuss how the use of data can contribute to the management of a business.

Keywords: work-family conflict; female entrepreneurship; entrepreneurship, family business.

Introdução

“Gerir a cafeteria sozinha, fechar a empresa ou convidar meu pai para ser meu sócio?” Esta era a dúvida de Júlia ao olhar para fora do seu estabelecimento e ver seu pai observando-a como fazia todos os dias desde que ela abrirá a cafeteria.

Mulher jovem de 25 anos, Júlia saiu da graduação e viu como única alternativa o empreendedorismo. Com pouca experiência, não demorou muito para encontrar dificuldades. Recursos limitados, reforma necessária, falta de investimento, problemas com fornecedores e conflito com seu pai permearam a gestão da recente empresa de Júlia, a cafeteria Uma Xícara.

A situação da empreendedora era bastante limitadora, não somente pela falta de experiência, mas por ser um pequeno negócio categorizado como MEI (micro-empendedor individual). Dessa forma, Júlia possuía apenas seus próprios e poucos recursos financeiros para investir em seu negócio. Sem poder contratar mais de um funcionário, devido à regulamentação do MEI, viu-se obrigada a aceitar ajuda de familiares para conseguir realizar todas as tarefas de que seu negócio demandava. A situação ficou mais conflitante no momento em que essa ajuda veio do pai, César, mais uma figura masculina encontrada por Júlia na sua esfera de trabalho. Dessa maneira, embates entre ambos passaram a tornar-se questões de trabalho-família e acabaram afetando a gestão do empreendimento.



Ao observar seu caso, entretanto, era possível questionar se suas dificuldades vinham estritamente de sua inexperiência ou se havia outras questões por trás, como o machismo.

O cenário

Belo Horizonte, Minas Gerais. Faltava um semestre para Júlia finalizar seu curso de graduação em Design. Embora tenha sido um curso bastante interessante e proveitoso, ela estava completamente insatisfeita com o mercado da área. Suas experiências em estágios tinham sido frustrantes por não realizar realmente a atividade de designer, além da dificuldade de conseguir vagas desejadas, muitas vezes ocupadas por pessoas que tinham algum vínculo com os trabalhadores das empresas. Como ela costumava dizer, para conseguir a vaga precisava de “QI”, ou seja, quem indica, o que não era seu caso.

Nesse cenário, Júlia começou a preocupar-se com seu futuro após a graduação. No estágio em que estava no momento, trabalhava com diferentes marcas de restaurantes da cidade. Dessa forma, ela se viu mais imersa no mundo gastronômico da cidade que no mundo do design. Paralelamente, Júlia estava encantada com as aulas sobre empreendedorismo que teve no curso de Design. Sempre se destacou nessas disciplinas, ao contrário dos demais alunos do curso, que preferiam desenvolver projetos específicos. Sendo assim, tendo como base esses conhecimentos, mais o acompanhamento de abertura de estabelecimentos alimentícios devido a sua atividade de estágio, Júlia acreditava ser capacitada para empreender.

Quando ainda era criança, com 12 anos de idade, sua mãe, Cláudia, tentou iniciar um negócio de produção e venda de bolos, porém os planos não deram muito certo. Os bolos eram deliciosos e tinham grande aprovação dos clientes, mas Cláudia não conseguiu sustentar o nível necessário de encomendas por muito tempo, já que estava recém-divorciada, com três filhos pequenos, um de 6, Júlia de 12 e o mais velho de 14, para criar. Sem ajuda do ex-marido, Cláudia via-se sozinha para cuidar das crianças e realizar as tarefas domésticas, além daquelas de seu novo empreendimento. Dessa forma, com menos de um ano de negócio, Cláudia, que havia investido em equipamentos e espaço físico, preferiu desfazer-se de tudo e focar na família.

Esse passado sempre voltava à cabeça de Júlia, agora com 25 anos de idade. Se recordava de como os clientes gostavam dos produtos de sua mãe, já que até o presente muitos perguntavam porque Cláudia não voltava a produzir bolos. Essa influência materna também fez com que ela tivesse interesse pela cozinha; além de fazer os bolos com as receitas de sua mãe, aprendeu a fazer pães artesanais através de cursos. Sendo assim, Júlia teve a ideia de tornar-se empreendedora, abrindo uma cafeteria onde serviria café e venderia os bolos de sua mãe e seus pães.

A implementação dos planos

Júlia, assim que se graduou, vendeu seu carro e com o dinheiro alugou um pequeno espaço, que reformou, comprou equipamentos e abriu a “Uma xícara”, como nomeou sua cafeteria. A loja ficava no bairro em que morava. pois ela gostaria de oferecer algo para o bairro em que cresceu. Coincidentemente, o espaço também era localizado a poucos quarteirões da casa de seu pai. Apesar de não ter um contato frequente com ele, Júlia achava bom sua loja estar localizada em um espaço que lhe remetia certa familiaridade.

Com a negativa de sua mãe para abrir o estabelecimento em sociedade com ela, Júlia fez tudo sozinha. Acreditava que esse, portanto, era o início de sua independência. Pensava que com o empreendimento teria condições financeiras de sustentar-se sozinha, além de ser dona do seu próprio tempo, administrando o tempo de trabalho com o voltado para o lazer. Era o início de um sonho que se concretizava. Segundo Júlia, ela sentia-se empoderada.

As primeiras dificuldades

O sentimento de empoderamento de Júlia, entretanto, não durou muito. Afinal, quando a Uma Xícara inaugurou ela já se sentia cansada devido ao desgaste de uma tentativa de negociação com o proprietário, que se recusava a baixar o valor do aluguel, mesmo ela sabendo que com outras pessoas ele era mais flexível. E em seguida o desgaste com o pedreiro que realizou a reforma no estabelecimento e que; ao notar que ela era inexperiente, viu uma oportunidade de ganhar mais pelo serviço. Além disso, a obra atrasou, gastando mais tempo que a carência do aluguel, deixando Júlia preocupada com as contas.

Entretanto, apesar de todos os acontecimentos, Júlia não queria se abater. Afinal, era seu sonho se concretizando. Queria apenas focar no sucesso de sua loja. Com a reforma finalizada, ela inaugurou seu tão esperado café. E, logo nos primeiros dias, percebeu que, mesmo com uma funcionária permitida pelo formato de microempreendedor individual em que se inseria, sua rotina como dona de um negócio era mais puxada que o esperado. Isso porque, além de ter que exercer sua atividade na loja, na produção de bolos e pães, além do atendimento de clientes na loja e por telefone, precisava comprar insumos em diferentes fornecedores, pagar contas, cuidar da divulgação da loja, ou seja, precisava realizar diversas outras tarefas que extrapolavam o horário de funcionamento do estabelecimento.

Uma ajuda

Em meio a isso tudo, um fato inesperado surgiu logo após a inauguração da cafeteria. Pela proximidade da loja com sua casa, César começou a aparecer no estabelecimento rotineiramente. Já que era aposentado, fez dessas visitas sua atividade diária. Chegava a Uma Xícara com o discurso de vê-la e passar o tempo. Assim, inicialmente, sempre que havia uma mesa desocupada, sentava, consumia um café e esperava o tempo passar. Com o fim do horário de verão, os dias escureciam bastante no horário de fechamento da loja e, assim, César passou a frequentar o café principalmente no final da tarde com a desculpa de ajudar a filha a fechar a loja.

– Fechar a loja sozinha é muito perigoso. Aqui está ficando cada vez mais perigoso à noite – dizia ele.

Perigoso também porque para fechamento diário da loja acontecia o fechamento do caixa. O bairro estava cada vez mais conhecido pelo aumento de roubos e assaltos, principalmente na parte da noite. Com ruas pouco iluminadas, era constante o encontro de carros estacionados arrombados para roubos de pertences internos. Para piorar a situação, havia meses que surgiu um rapaz chamado Fabinho, que morava nas ruas do bairro, pedia para olhar os carros estacionados e entrava nos estabelecimentos da região sempre pedindo ajuda, porém, algumas vezes de forma coercitiva:

– Sou amigo do pessoal do morro, mas quando eu gosto de uma pessoa eu não deixo fazer nada não – dizia Fabinho, enquanto seus olhos percorriam todos os cantos da loja.

Dessa forma, Júlia aceitava a ajuda do pai, que somente por sua presença inibia a de Fabinho. Aos poucos também Júlia começou a pedir mais ajuda de César. Em horários de menor movimento da loja, pedia para ele tomar conta da loja e se necessário atender os clientes para que ela pudesse ir ao banco para pagar contas, por exemplo, e não precisar fazer isso após o horário de funcionamento da loja. Dessa forma, Júlia ganhava tempo, que naquele momento parecia precioso. Afinal a jovem de 25 anos encontrava-se em uma situação de cotidiano em que não fazia mais nada além de trabalhar. Não tinha tempo e nem forças para o lazer. Todo o tempo livre que conseguia aproveitava para tentar colocar o sono em dia, que estava atrasado desde a abertura da loja.

Perda de espaço

Ao mesmo tempo em que Júlia gostava de ter uma segunda pessoa para auxiliar e compartilhar o dia a dia da loja, sentia-se incomodada com a presença de César. De um lado, era muito bom ter alguém apoiando-a e enfrentando com ela as dificuldades diárias de ter um pequeno

negócio. Mas, por outro, percebeu que os clientes começaram a reconhecer seu pai como o verdadeiro proprietário da loja e ela como a filha que o ajudava. Isso, mesmo com fotos de Júlia em matérias jornalísticas sobre a Uma xícara nas paredes da cafeteria.

“Nossa, que linda a loja do senhor! Está de parabéns!”: frases como essa eram frequentemente ditas por clientes a seu pai, mesmo quando Júlia estava presente no local. Isso se repetia com pessoas que desejavam oferecer algum tipo de serviço, como instalação de câmeras e segurança. Os vendedores que insistiam em oferecer o serviço perguntavam ao escutar uma negativa de Júlia:

– Mas podemos conversar com outra pessoa, talvez seu pai. É aquele senhor ali? Talvez ele entenda melhor a proposta.

Pouco a pouco também, César começou a sentir-se parte do negócio e cada vez mais à vontade, não somente para questionar algumas decisões tomadas por Júlia, como também para tomar suas próprias decisões para a Uma Xícara. Um dia, por exemplo, houve um vazamento no esgoto que precisava urgentemente de conserto. Este problema, entretanto, era de responsabilidade do proprietário do espaço. Mesmo após diversas ligações de reclamações de Júlia, o proprietário nada fez durante o dia. Dessa forma, solicitou ela própria o orçamento do serviço. Queria passar o valor ao proprietário como forma de pressioná-lo. Enquanto Júlia estava no telefone tentando fazer com que o proprietário aceitasse o serviço, vê o vazamento sendo consertado pelo empregado da empresa que havia feito o orçamento. Quando questionado por Júlia sobre quem autorizou o serviço, ouve como resposta:

– Moça, foi seu pai que autorizou. Disse que poderia fazer e que depois você me passava o cheque da loja.

Como o proprietário não aceitou o valor do serviço, Júlia teve de arcar com os custos e, sem sucesso com um acordo, viu-se obrigada a chamar um amigo advogado para conseguir o reembolso pela parte do proprietário. Apesar de Júlia aceitar e até mesmo solicitar ajuda de seu pai, César não tinha acesso ao financeiro da loja. Júlia não permitia isso, visto que essa foi a única forma encontrada de sentir que a Uma Xícara ainda era sua. Dessa forma, seu pai não tinha conhecimento de como estava o caixa para autorizar um pagamento. Se soubesse talvez não autorizaria, já que a cafeteria não estava muito bem financeiramente. A loja conseguia pagar-se, mas nada além disso. Por este motivo, Júlia sentia-se forçada a aceitar a ajuda de César, ao invés de contratar mais uma pessoa.

O balanço

A parte financeira da loja era um ponto que preocupava bastante Júlia. Com quase um ano de negócio, ela não conseguira tirar dinheiro por meio de seu trabalho no estabelecimento. Embora tivesse conquistado clientela, reconhecimento na mídia, as contas fechavam no zero a zero. Dessa forma, Júlia, que já havia gasto todos os recursos que possuía para investir no negócio, não conseguia ter um retorno financeiro para investir no crescimento do negócio. Buscou empréstimos e financiamento, mas era sempre vetada, pois ainda se constituía como MEI. Sendo assim, ela relata que parecia que era considerada uma empreendedora em alguns momentos, como na hora de pagar impostos e ter que seguir a legislação para negócios, mas, no momento de participar de algum programa de financiamento, não se encaixava no perfil empreendedor.

A falta de retorno financeiro fazia com que Júlia se questionasse como empreendedora. Pegou-se em diversos momentos refletindo se era interessante continuar com a cafeteria, já que se sentia esgotada, sem vida social e sem dinheiro. Além disso, o cotidiano da loja estava afetando sua relação com seu pai, mesmo tendo servido de pretexto para aumentar o contato com ele. A verdade é que ela se sentia cada vez mais invadida pelo comportamento de César dentro da cafeteria. Seu pai, que inicialmente estava lá para ajudar apenas no fechamento da loja, agora se sentia à vontade para palpitar sobre as decisões de funcionamento. Palpites esses que chegavam a questionar até as receitas

dos produtos de Júlia: “Você deveria deixar o bolo corar mais. E esse pão aqui é muito azedo, não deveria vendê-lo”.

César, que havia trabalhado a vida inteira como corretor de imóveis, nunca havia feito um curso de culinária ou demonstrado interesse por cozinha antes. Agora, dentro da Uma Xícara, sentia liberdade para expressar suas opiniões, mesmo a filha tendo mais conhecimento e experiência na área do que ele. O maior problema, de acordo com Júlia, não era o que César dizia, mas como dizia. Não falava como forma de simples opinião, mas tinha um tom de ordem, uma ordem de pai para filha. E, sempre que Júlia rebatia seus questionamentos, um clima de estranheza instaurava-se na relação.

Dessa forma, Júlia constantemente se questionava sobre a continuidade da cafeteria. Sabia que o país se encontrava em crise financeira e estar no “zero a zero” parecia ser uma situação positiva para quem estava iniciando. Entendia que precisava fazer algumas melhorias para poder crescer e conseqüentemente lucrar, mas não tinha mais recursos próprios para realizar este novo investimento. A Uma Xícara representava todo o seu sonho, seu esforço e seus recursos investidos. Mas ela se via, entretanto, presa à ajuda de seu pai para conseguir um pouco de tempo para sua vida social, já que como uma jovem de 25 anos queria sair com os amigos, viajar, mas ao mesmo tempo a relação e constantes embates a deixavam esgotada.

Júlia não sabia o que fazer. Qual melhor decisão a tomar? Gerir a cafeteria sozinha ou convidar seu pai para ser seu sócio? Como poderia cortar a relação de seu pai com o estabelecimento sem afetar seu relacionamento pessoal com ele? Ou seria melhor encerrar as atividades e com isso abandonar seus sonhos e investimentos?